

A influência do globalismo nos países ibero-americanos

Renan Costa de Oliveira¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar os aspectos ligados ao chamado globalismo. Com a introdução de conceitos e demais políticas relacionadas ao tema, busca-se demonstrar que o crescimento desse movimento político vem sendo percebido em todos os continentes, principalmente nos países ibero-americanos. Utilizando-se do posicionamento de vários autores, o estudo é dividido em três tópicos visando conscientizar aos leitores acerca do que vem ocorrendo a respeito desta temática.

Palavras-chave: Globalismo; Política; Países Ibero-Americanos.

The influence of globalism in Ibero-American countries

ABSTRACT: The objective of this paper is to present aspects related to the called globalism. With the introduction of concepts and other policies related to the theme, the aim is to demonstrate that the growth of this political movement has been noticed in all continents, mainly in Ibero-american countries. Using the position of several authors, the study divided into three topics in order to make readers aware of what has been happening regarding this theme.

Keywords: Globalism; Politics; Ibero-American Countries.

La influencia del globalismo en los países iberoamericanos

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es presentar aspectos relacionados con el llamado globalismo. Con la introducción de conceptos y otras políticas relacionadas con el tema, se pretende demostrar que el crecimiento de este movimiento político se ha notado en todos los continentes, principalmente en los países iberoamericanos. Partiendo de la posición de varios autores, el estudio se divide en tres temas con el fin de concienciar a los lectores de lo que ha estado sucediendo en torno a este tema.

Palabras-llave: Globalismo; Política; Países Iberoamericanos.

Introdução

Quando o ex-presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump, repudiou o globalismo, a mídia americana e de boa parte do mundo não entendeu do que se tratava. Trump, em seu discurso na 73ª Assembleia Geral das Nações Unidas, afirmou rejeitar o que chamava de "ideologia do globalismo".

¹ Pós-graduado *lato sensu* nas áreas do Direito e da Geopolítica. Graduado em Direito pelo Centro Universitário de Campo Grande (UNAES).

Segundo ele, trata-se de uma visão que se opõe ao lema "os Estados Unidos, primeiro"; que estes sempre irão "escolher a independência e a cooperação, em vez de governos globais, controle e dominação". Afirmou ainda que honra o direito de cada nação buscar seus próprios costumes, crenças e tradições, e que os EUA são – e sempre serão – governados por americanos. Com essas palavras, Trump fomentou debates maiores em torno do que se tratava o globalismo e sua influência nos demais países, já que a maior potência econômica mundial estava sendo governada por um "antiglobalista".

Mas afinal, do que se trata? O que é globalismo? Como os meios de comunicação têm reportado o tema globalismo? Estes pontos serão abordados neste artigo a fim de explicar o globalismo e sua influência, especialmente, nos países ibero-americanos. O estudo terá como foco esclarecer como a Nova Ordem Mundial (NOM) influencia o desenvolvimento dos povos, e como esse movimento político e filosófico, associado a outras ideologias de cunho revolucionário, tem afetado principalmente os países em desenvolvimento da América Latina e suas antigas metrópoles, Portugal e Espanha.

Para tanto, adotou-se no presente trabalho o formato discursivo, com emprego da metodologia científica indutiva, observacional, comparativa e de pesquisas bibliográficas sobre o assunto.

1. Globalismo vs. Globalização: conceitos

Em verdade, não é de hoje que discussões em torno do globalismo e da globalização vêm pautando reuniões ao redor do mundo. Desde a década de 1970 estes conceitos ganham destaques em discursos políticos, como na 73ª Assembleia Geral das Nações Unidas em 2018, mas geralmente acabam por gerar ideias errôneas e que confundem a população menos atenta. Nesse sentido, há aqueles que atribuem aos termos o mesmo significado; que dizem ser algo relacionado a tecnologia; que tratar-se-ia de uma teoria da conspiração; ou ainda, que consiste em uma nova ideologia. Parte destes erros, inclusive, é de responsabilidade da mídia, que nos dias atuais relembra as funções sacerdotais da Antiguidade ao influenciar

seus “fieis” para que sigam determinadas diretrizes, sejam morais, éticas ou de bons costumes, e que muitas vezes contrariam até mesmo aos anseios das massas. Textos, imagens e notícias produzem histerias generalizadas sobre os mais variados assuntos, principalmente com a polarização política que se vive atualmente em boa parte do mundo ocidental.

Segundo Eula Dantas Taveira Cabral (2017, p. 50), em quase todo o território brasileiro é possível encontrar um aparelho de rádio ou televisão que capta uma programação gratuita e difundida de notícias. Tv’s abertas e por assinatura, telefones celulares e internet se tornaram realidade para grande parte da população, que deposita confiança às matérias veiculadas na mídia, mesmo sabendo que cada editorial segue uma linha de pensamento ditada pela empresa gestora. À título de exemplo, podemos citar a reportagem do site O Globo, do dia 25 de setembro de 2018, que ao discorrer sobre os acontecimentos no evento da 73ª Assembleia Geral das Nações Unidas, lançou nota de rodapé com a seguinte correção:

(...)na versão original deste texto, a expressão "ideologia do globalismo", usada por Trump, foi incorretamente traduzida como "ideologia da globalização". A globalização se refere à interdependência e à interconexão entre os países — sobretudo econômica —, enquanto, no jargão político americano, **globalismo** se refere a uma **visão positiva** da globalização e das instituições supranacionais. Hoje, o termo é frequentemente usado de forma **pejorativa por detratores das instituições internacionais**, que estariam interferindo negativamente na soberania dos países. [grifo nosso]

Já o site brasileiro UOL, no dia 24 de maio de 2019, publicou matéria intitulada “O que é o globalismo, em debate pelo Itamaraty, segundo oito especialistas”, em que discorre de forma positiva sobre a ideologia do globalismo e remete àqueles que são contra tal posicionamento, chamados de “antiglobalistas”, definidos como pessoas que se utilizam do *slogan* de líderes nacionalistas-populistas para a promoção pessoal e da política interna. Deste modo, vê-se que as opiniões dos grupos de mídia são reportadas, muitas vezes, como “verdades” aos seus leitores. Sem um crivo justo, questões políticas, sociológicas, econômicas e culturais podem ser promovidas e difundidas a toda população sem preocupações.

Para definir globalismo e globalização, primeiro é necessário ater-se que, embora muito similares quanto a grafia, os termos diferem. Globalização, este sim,

é um fenômeno positivo e natural da sociedade proveniente do avanço tecnológico e distribuição de riquezas, que só se tornou possível após a revolução industrial, e com embrião já na origem do capitalismo. Segundo Octavio Ianni (2012, p. 06), a globalização trata-se de uma realidade propriamente global e vista como processo civilizatório que acomoda ou mesmo recria as mais diversas formas de vida e trabalho em todos os cantos do mundo. É a força produtiva capaz de intensificar, em grandes escalas, os processos que estabelecem a integração entre os países e que levam a interdependência econômica às várias nações.

Por outro lado, o termo globalismo não possui um conceito definido, mas sim diversos sentidos e acepções. Na visão de Yoram Hazony (2019, p. 19), todavia, o termo globalismo consiste em uma versão do “velho imperialismo”, isto é, políticas de expansão e domínio territorial, cultural e econômico sobre outras regiões geográficas, vizinhas ou distantes. Segundo ele, a expressão globalismo surgiu após a Segunda Guerra Mundial, especialmente com o fim da Guerra Fria, quando cientistas, líderes políticos e estudiosos questionaram os desgastes trazidos pelas guerras na sociedade global.

As catástrofes dificilmente imagináveis pelos europeus e os crimes monstruosos praticados pelas forças alemãs durante a Segunda Guerra Mundial foram o coroamento de um mal absoluto, o que levou a novos estudos para entender o porquê as nações entram em conflitos. De acordo com o chanceler da extinta Alemanha Ocidental, Konrad Adenauer, a resposta para o impressionante mal causado pela Alemanha nazista, por exemplo, foi o fato de que os países da Europa possuíam o hábito de pensar em Estados nacionais, isto é, de forma independente e com projetos diferentes de desenvolvimento interno, que alinhados às suas autonomias políticas, fomentavam ideologias e lutas armadas (*apud* HAZONY, 2019, p. 56).

Visando sanar este problema, elaborou-se a teoria de que o desmantelamento do sistema de Estados independentes enfraqueceria os países e o direito de tomar decisões por si próprios, retirando-se a autodeterminação das nações. Tal teoria, segundo Hazony (2019, p. 57), é corroborada à luz do

pensamento do filósofo iluminista alemão Immanuel Kant, ao mencionar que a única forma racional de existir um governo com prosperidade e paz perpétua seria aquela em que os Estados nacionais fossem destruídos em favor de um governo único e que se expandisse mundialmente.

Ocorre que o sistema internacional baseado em Estados nacionais independentes é mantido através da adesão a determinados princípios práticos. Costuma-se dizer que uma nação coesa e forte o suficiente para assegurar a sua independência política tem o “direito à soberania” dentro de suas fronteiras, isto é, a não-interferência em seus assuntos internos por outros Estados nacionais, além do monopólio governamental da organização das forças coercitivas dentro do território do Estado.

Por esta razão, a ideia de um governo global se apresenta como um movimento político e filosófico com o propósito de dissolução de todas as soberanias nacionais, de modo a submeter as nações a um único governo centralizado e sob o argumento de alcançar a paz mundial – o Globalismo. Para defender esta proposta, comentaristas, jornalistas e cientistas políticos alegam que o globalismo é inofensivo; que os países terão desenvolvimento social e prosperidade econômica abundante; que trata-se de um projeto de construção de uma comunidade internacional institucionalizada que trará finalmente a tranquilidade para todos.

Esse novo estado de bem-estar, numa versão reformulada e que se apresenta como o modelo ideal a ser adotado no mundo globalizado é corroborado até mesmo por organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas – ONU, além de pessoas mundialmente conhecidas, como Bernardo de Lippe-Biesterfeld, David Rockefeller, Henri de Castries e Henry Kissinger (JIMÉNEZ, 2020).

Todavia, como contraponto, há aqueles que entendem que o globalismo, na prática, é algo bem específico e perigoso, principalmente por ser contra os valores da democracia moderna, assentada no individualismo ou princípios de liberdade da civilização ocidental. Nas palavras de Guilherme Stolle Paixão e Casarões, por detrás dos argumentos de quem defende o conceito de globalismo está “a ideia [de]

que está se consolidando, em nível global, uma hegemonia cultural totalizante pautada por valores progressistas, seculares e cosmopolitas, que são usualmente identificados com a agenda sexual de minorias, pautas ambientalistas e discursos de igualdade racial e de gênero” (CASARÕES, 2017, n.d.).²

Nesse sentido, o embaixador e escritor brasileiro Ernesto Fraga Araújo alega que o globalismo não é apenas um movimento político e ideológico, mas um esquema de dominação global que visa substituir as culturas tradicionais por uma moral secular e esquerdista (MACHADO, 2019). Trata-se, segundo ele, de um braço do chamado “marxismo cultural” – movimento originado dos escritos de Antônio Gramsci e da Escola de Frankfurt, apontado como o novo marxismo, adulterado e sob uma nova roupagem, que visa a eliminação de qualquer resistência cultural às ideias progressistas (MUELLER, 2016).

Já para o analista político Filipe Garcia Martins (2018), o globalismo preconiza a construção de um aparato burocrático, capaz de controlar, gerir e guiar os fluxos espontâneos da globalização de acordo com certos projetos de poder. Significa, aponta ele, a substituição das democracias representativas por um regime tecnocrático e pouco transparente, no qual o poder decisório estará concentrado nas mãos de alguns poucos privilegiados (MARTINS, 2018).

2. Como é introduzido o globalismo no mundo

O Estado é uma entidade composta por diversas instituições de caráter político e que coordena um tipo complexo de organização social (SILVA, 2009). Para que este sistema funcione adequadamente, a soberania do Estado deve se fazer presente na autodeterminação do governo e aliada ao fator de independência em relação as potências estrangeiras, seja no campo político, econômico ou cultural (DE CICCIO, 2016). Para que haja a implantação do globalismo como um governo único e centralizado necessário se faz que os Estados percam suas soberanias. Sem

2 N.E.: Em realidade, a referida citação remete no original à crítica aos discursos globalistas de movimentos políticos ligados à Donald Trump.

exercer o poder absoluto, os Estados não conseguiriam impor suas decisões e fazer valer a ordem jurídica de forma independente.

A cultura aqui é considerada chave para o avanço do globalismo e a quebra das soberanias, pois consiste num complexo sistema de conhecimentos que envolve as crenças, as artes, a moral, os costumes e, principalmente, as leis de um país. Deste modo, segundo o alerta do escritor francês Frédéric Bastiat (2019, p. 28), quando a lei e a moral (bases culturais) estão em contradição dentro de uma sociedade, os cidadãos se encontrarão na cruel alternativa de ou perder a noção da moral, ou perder o respeito pela lei. Haverá, neste caso, dois infortúnios tão grandes que será difícil escolher entre um e outro, tornando o solo fértil o suficiente para que as mudanças culturais se instalem e, conseqüentemente, favoreça o surgimento de um novo sistema político.

Para tanto, o socialismo/comunismo vêm se apresentando aos globalistas como a ideologia a ser utilizadas para atingir esta confusão social. Em termos econômicos, o socialismo como sistema revolucionário baseado na propriedade coletiva e no controle dos meios de produção pelo Estado (BRAGANÇA, 2019), utiliza dessa regulamentação para favorecer a estabilização das pessoas de determinada sociedade em uma única classe social. Esta é a exata definição de comunismo, conforme Karl Marx: doutrina política que se utiliza essa forma coletiva de economia (MARX e ENGELS, 2015). Na apropriação pelos globalistas, essa ideologia visa assegurar a contínua intervenção do Estado num nítido “esforço internacional e conspiratório de homens em posições elevadas para obter poder, que para isso estão dispostos a usar quaisquer meios para alcançar a meta almejada” (ALLEN, 2017, p. 25)³.

Observa-se, deste modo, que em ambos os casos, transparece uma ideologia em que o governo pode fazer jus a um sistema de controle. Para pensadores como

3 Entretanto, para outros, o globalismo não se utiliza apenas de ideologias como o socialismo e o comunismo para atingir seus objetivos. A doutoranda pela Universidade de Oxford, Débora G. Barbosa, afirma em seus vídeos que o globalismo, ou a Nova Ordem Mundial, também poderá utilizar de ideologias de direita quando for pertinente e adequado, conforme o momento histórico que o mundo estiver vivendo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ph5fa6fCsXg>>. Acesso em: 23/02/2021.

Alexis de Tocqueville e John Emerich Edward Dalberg-Acton, o socialismo consiste em uma verdadeira escravidão (HAZONY, 2019, p. 39). Para Friedrich August von Hayek (2010, p. 39) as ações do socialismo não implicam apenas em um rompimento definitivo com o passado recente, mas com toda a evolução da civilização ocidental, numa quebra das tradições e dos paradigmas culturais.

Por sua vez, Ludwig von Mises (2018, p. 96) menciona que as liberdades de expressão, pensamento, imprensa e de culto não podem ser mantidas num sistema desprovido de mercado, como o socialismo e o comunismo, em que o governo determina tudo, ainda que colocadas em forma de lei e inscritas na Constituição.

Mas qual o propósito de tudo isso? Hayek (2010, p. 47) menciona que “os autores franceses que lançaram as bases do socialismo moderno não tinham dúvidas que suas ideias só poderiam ser postas em prática por um forte governo ditatorial”. Logo, deduz-se que para instalação do globalismo é fundamentalmente necessário que um poder coercitivo seja iniciado, de forma perene e constante, através do tempo. Não haverá mais eleições livres; não haverá mais escolhas de representantes políticos. Embora haja defensores deste sistema, percebe-se que a sociedade estará fadada a escolhas provenientes de uma elite, em um regime a mando de ditadores, e bem provavelmente, tirânico.

3. A influência do globalismo nos países ibero-americanos

Países de cultura e tradições riquíssimas, a América Ibérica possui forte prestígio econômico no mundo todo. O informativo *Los mejores países del 2019*, que elabora anualmente o *US News and World Report* em colaboração com a Universidade da Pensilvânia, incluiu no ranking de 80 nacionalidades mais influentes do mundo vários países ibero-americanos, dentre eles: Brasil, México, Colômbia, Argentina, Panamá, Guatemala, Equador, Peru, Chile e Costa Rica. O estudo analisa, além da economia, a ação política e financeira de cada país, assim como seus exércitos, a partir de análises realizadas com mais de 20 mil personalidades.

A consultoria PwC, em seu relatório *The Long View: How will the global economic order change by 2050?*, considera que Brasil, México, Espanha, Argentina e Colômbia serão as nações ibero-americanas mais poderosas do mundo entre 2030 e 2050, constando no “top 32” dos países mais influentes do mundo.

Contudo, o globalismo ameaça também esta parte do mundo. Os países ibero-americanos já vêm sofrendo com o peso negativo das políticas do globalismo, principalmente por influências do socialismo e do comunismo, aliciadas, por exemplo, por instituições como “Foro de São Paulo”. Criado em 1990, o Foro de São Paulo objetiva a amplitude política e a participação das mais diversas correntes ideológicas da esquerda, a disposição das forças socialistas e anti-imperialistas do subcontinente, bem como a tomada de poder por seus partidários em todos os países da região: Argentina, Aruba, Barbados, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Curaçao, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Martinica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Trindade e Tobago, Uruguai e Venezuela. Na gestão do Partido dos Trabalhadores, com dinheiro proveniente do banco público brasileiro BNDES, muitas ditaduras foram abastecidas para ampliar o domínio regional e a conquista utópica do primeiro continente totalmente social-comunista no mundo. Embora esse projeto não tenha se completado, suas ações alinhadas ao globalismo já deixam sinais negativos na sociedade, tais como violência, penúria e miséria, além de um controle social brutal promovido por regimes ditatoriais (SALGUEIRO, 2016).

A título de exemplo, na Venezuela a crise institucional alarmante do governo ditatorial do presidente Nicolás Maduro, acusado de ter “infligido o sofrimento que forçou mais de dois milhões de venezuelanos a emigrarem nos últimos anos” (O GLOBO, 2018), conduziu seu povo à abjeta pobreza e com severas dificuldades na restauração de sua democracia. O país que já foi considerado um dos mais ricos do mundo, hoje sofre com declínio socioeconômico e acentuado crescimento da pobreza, inflação, criminalidade e fome.

Situação similar ocorre na Argentina, que também padece de uma crise econômica e financeira agravada com a eleição de um candidato peronista similar aos chavistas. Alberto Fernández tenta sustentar a surrada moeda nacional *Revista de Geopolítica*, v. 13, nº 2, p. 1-15, abr./jun. 2022.

seguindo fielmente o prontuário das militâncias da esquerda. Com ideias pautadas supostamente no papel central dos trabalhadores na economia, possui evidente caráter fascista em seus objetivos.

No Chile, protestos que ocorreram no dia 14 de outubro de 2019, deixaram ao menos 15 mortos e mais de 300 detidos, além de uma onda de ataques, incêndios e saques em razão do aumento do preço do bilhete do metrô. Políticos e especialistas afirmam que o aumento da tarifa é apenas a "ponta do *iceberg*" dos problemas que os chilenos enfrentam, em razão da desigualdade alegada pela ala populista que incentiva as manifestações de rua. A exemplo disso, no dia 25 de outubro de 2020, os chilenos aprovaram por plebiscito a instauração de uma Convenção Constituinte, com 155 deputados que terão de apresentar até 2022 um novo texto constitucional, não tendo a ala da direita chilena obtido nem um terço da representação nesta convenção. Além disso, com uma das mais altas abstenções já registradas, no dia 19 de dezembro de 2021, os chilenos elegeram o candidato de extrema-esquerda Gabriel Boric, de apenas 35 anos, para governar o país, tendo o mercado financeiro reagido negativamente já no dia seguinte ao anúncio, com a Bolsa de Valores de Santiago caindo 8%, enquanto o índice MSCI Chile, que acompanha as ações chilenas, encerrando o dia também em queda de 10,7%. O temor está atrelado, por exemplo, a antigas falas de Boric nas redes sociais incentivando o povo venezuelano a continuar aprofundando a Revolução Bolivariana de Hugo Chávez.

Um pouco mais distante, mas ainda sob a influência desses movimentos globais, o Partido Socialista (PS), em Portugal, conseguiu no dia 06 de outubro de 2019 a "vitória expressiva" nas urnas com António Costa. Como primeiro anúncio pós-eleição, o então primeiro-ministro tenta repetir a geringonça (acordos externos para formar uma aliança de governo) com o Partido Comunista e o Bloco de Esquerda. Sob a retórica de políticas anti-austeridade e de rebeldia à Troika, a abstenção nas urnas de 45,5% foi a mais alta da história nas eleições legislativas, com demonstrações explícitas de descontentamento e desconfiança da população.

Na Espanha, manifestantes separatistas da Catalunha entraram em choque com a polícia na noite do dia 16 de outubro de 2019, em Barcelona, em nova

tentativa de secessão promovida pela ala esquerdista na Espanha. A tentativa de quebra de soberania e divisão do Estado sob a narrativa de que a região da Catalunha possui cultura, língua e tradições próprias, diferentes do restante da Espanha, faz com que este conflito perdure por décadas.

No Brasil, a crise institucional entre os poderes da República assola as manchetes dos jornais. A população está indignada com os escândalos políticos, corrupção e as divergências ideológicas que dominam o dia a dia do país. Leis são criadas e votadas pelo parlamento sempre sob a influência, de algum modo, de centrais globalistas, direta ou indiretamente. Recentemente, a Floresta Amazônica foi pauta de debates políticos no mundo todo. O Brasil (responsável por 64% da área total da floresta), Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana e Suriname, foram acusados de não estarem dando a devida atenção à preservação da maior reserva florestal do planeta. Vários desses argumentos foram noticiados e encampados pelo atual governo francês de Emmanuel Macron, motivado, segundo o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, por uma estratégia francesa com intuito de vetar o acordo Mercosul-União Europeia.

O próprio Vaticano, entre os dias 6 a 27 de outubro de 2019, na 16ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, foi roteiro de discussões que reuniu 250 lideranças católicas do mundo todo para o debate sobre o tema: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”; utilizando-se do estandarte pró-defesa da vida, dos povos e bioma amazônico, em uma manifesta demonstração de desrespeito e afronta as soberanias e autodeterminação dos países envolvidos.

Considerações finais

Para Yoram Hazony (2019, p. 27), por séculos a política foi caracterizada pela luta entre visões antitéticas de ordem mundial. De um lado, a liberdade e independência das nações, cada qual buscando o bem político de acordo com as suas próprias tradições e entendimentos; de outro, uma ordem de pessoas e grupos unidos sob um regime jurídico único, promulgado e mantido por uma autoridade

Revista de Geopolítica, v. 13, nº 2, p. 1-15, abr./jun. 2022.

supranacional. Dos estudos sobre globalismo político, vê-se que esta realidade não foi alterada. Percebe-se que a busca por governanças supranacionais está passando por mutações rápidas desde do século XX, nas quais as estratégias marxista-leninistas foram aperfeiçoadas e/ou trocadas por ideologias diversas.

Ao varrer o nacionalismo, as nações-estado e as democracias nacionais para longe de toda sociedade com nítido propósito de dominação, os globalistas só conseguem enxergar os problemas do mundo pelo fato de não terem eles próprios o controle do processo – uma falácia já que esse comando do sistema é a própria finalidade dos globalistas.

Dito isto, é perfeitamente verificável que a instrumentalização política, filosófica e ideológica dessa Nova Ordem Mundial se disfarça com a bandeira de “paz global”, e busca ajudar nas negociações, acordos financeiros e objetivos políticos dessas classes elitizadas.

Falar e usar das ideias do globalismo como algo positivo é desconsiderar que as leis dos Estados estarão submetidas às (in)validações de um colegiado superior não eleito e possivelmente ditatorial.

Portanto, o planejamento global centralizado é uma utopia para os fins a que se destina, mas uma realidade de poder para os fins a que se pretende. Mas haveria um remédio contra tudo isso? O remédio é a força das nações independentes. Cabe a elas o dever de impedir a implantação de um regime tão autoritário que se arrogue em uma sabedoria superior ao da própria sociedade. Que os direitos humanos naturais sejam realçados ante esta elite que não representa a vontade popular; que os ensinamentos do filósofo John Locke sobre vida, liberdade e propriedade, e os do mestre Jesus Cristo quanto a humanidade, sejam as bases da “Velha Ordem Mundial” contra o globalismo, e que os países não se deixem levar por este movimento político filosófico possivelmente destruidor. Esta será a diferença fundamental entre liberdade e servidão!

Referências

ALLEN, Gary. **Política, ideologia e conspirações: a sujeira por trás das ideias que dominam o mundo**. Barueri : Faro Editorial, 2017.

BAIMA, Cesar. **Entenda a questão da Catalunha que levou líderes separatistas à prisão**. Disponível em: <<https://glo.bo/2MLn2ce>>. Acesso em: 18 out. 2019.

BARRIO, Javier Martín Del. **Socialista António Costa ganha as eleições em Portugal**. Disponível em: <<https://bit.ly/2LUMsoV>>. Acesso em 23 out. 2019.

BASTIAT, Frédéric. **A lei**. São Paulo: LVM Editora, 2019.

BBC New Brasil. **4 pontos para entender os protestos no Chile**. Disponível em: <<https://bbc.in/2Oj7FtT>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

BENTO, Helena. **O problema não são os quatro centimos**. Disponível em: <<https://bit.ly/2PCSnRy>>. Acesso em: 23 out. 2019.

BRAGANÇA, Luiz Philippe de Orleans. **Porque o Brasil é um país atrasado?** São Paulo: Maquinaria Studio, 2019.

BRASIL, Felipe Moura. **Conheça o Foro de São Paulo, o maior inimigo do Brasil**. Disponível em: <<http://bit.ly/2PMv7ip>>. Acesso em 15 dez. 2019.

CABRAL, Eula Dantas Taveira. **Mídia concentrada no Brasil: até quando?** Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, 13(24), 2017.

CASARÕES, Guilherme. **Bolsonaro, o anti-globalismo, e a América de Trump**. O Estado de S. Paulo, 07 out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2NQKRBv>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

_____. **Eleições, política externa e os desafios do novo governo brasileiro**. Revista Pensamiento propio, Año 24, p. 231-274, 2019.

DANA, Samy. **Promessas de Gabriel Boric, presidente eleito no Chile, podem não avançar**. Jovem Pan, 21 dez. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3mSgrjp>>. Acesso em 24 dez. 2021.

DE CICCIO, Cláudio. **Teoria geral do Estado e ciência política**. São Paulo: Editora Revista do Tribunais, 2016.

DE OLIVEIRA, Dimitri Leonardo Santana Martins. **Globalização vs. Globalismo**. Gazeta do Povo, 06 de dez. de 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2L4BGLZ>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

FONT, Gabriel Boric. **Mucha fuerza a todo el pueblo venezolano. Somos muchos los chilenos que estamos con ustedes! A seguir profundizando la revolución bolivariana!** [S.l.], 05 de mar. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3ppKolW>>. Acesso em: 24 dez. 2021.

GAZETA DO POVO. **Como políticas socialistas destruíram o futuro de 5 países**. Disponível em: <<http://bit.ly/2PRAptf>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

GONZÁLEZ, Enric. **Alberto Fernández, o discreto professor que pode presidir a Argentina**. Disponível em: <<http://bit.ly/2KRc0SJ>>. Acesso em: 08 de out. de 2019.

HAYEK, F. A. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto von Mises Brasil, 2010.

HAZONY, Yoram. **A virtude no nacionalismo**. Campinas: Vide Editorial, 2019.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

_____. **Nacionalismo, regionalismo e globalismo**. Rev. Novos Rumos, 25, 2012.

LOPES, Rodrigo. **O que, afinal, é "globalismo", termo usado com frequência pelo governo Bolsonaro?** GZH Mundo, 11 de jan. de 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/38GhTwo>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

MAGALHÃES, David. **Quem tem medo do globalismo?** Carta Maior, 19 de nov. de 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2saXrCZ>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

MARCHAO, Talita. **O que é o globalismo, em debate pelo Itamaraty, segundo oito especialistas**. UOL, 24 de mai. de 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2MEt8wk>>. Acesso em: 17 out. 2019.

MARTINS, Filipe Garcia. **A guerra da grande mídia contra você**. Disponível em: <<http://bit.ly/35nXH0l>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

MARTINS, Filipe Garcia. **A nova vergonha da mídia: confundir globalismo com globalização**. Disponível em: <<http://bit.ly/37suZgd>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MUELLER, Antony. **O marxismo cultural e o politicamente correto contra o povo - quem vence?** Disponível em: <<https://bit.ly/2Oqi35B>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

NIÑO, José. **Um breve histórico da Venezuela: da quarta população mais rica do mundo à atual mendicância.** Disponível em: <<https://bit.ly/2XLmN67>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

NOCK, Albert J. **Nosso Inimigo, o Estado.** Campinas: Vide Editorial, 2018.

NOTIAMÉRICA. **Estos son los 10 países iberoamericanos más influyentes del mundo.** Disponível em: <<https://bit.ly/2UmF7jt>>. Acesso em 17 de out. de 2019.

POLLEIT, Thorsten. **A diferença básica entre globalismo e globalização econômica: um é o oposto do outro.** Disponível em: <<https://bit.ly/35cs6Ox>>. Acesso em: 22 out. 2019.

O GLOBO. **Boris Johnson acusa Macron de usar Amazônia para interferir em acordo com Mercosul.** Disponível em: <<https://glo.bo/32OzKOr>>. Acesso em: 21 out. 2019.

O GLOBO. **Na ONU, Trump rejeita 'burocracia global' e 'ideologia do globalismo.** Disponível em: <<https://glo.bo/2JdP3rU>>. Acesso em: 17 out. 2019.

RBA. **Resistência popular faz presidente do Equador revogar decreto imposto pelo FMI.** Disponível em: <<https://bit.ly/2MBfpq6>>. Acesso em: 18 de out. de 2019.

SANTOS, Alan. **Em discurso histórico na ONU, presidente Bolsonaro apresenta o novo Brasil, reforça a soberania e compromisso com a democracia.** Disponível em: <<https://bit.ly/2B11JTX>>. Acesso em: 14 out. 2019.

SALGUEIRO, Graça. **O Foro de São Paulo: a mais perigosa organização revolucionária das américas.** São Paulo: Observatório Latino, 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, 2009.

VON MISES, Ludwig. **As seis lições: reflexões sobre política econômica para hoje e amanhã.** São Paulo: LVM, 2018.

Recebido em 30.12.2021.

Publicado em 01.04.2022.